

Saúde da população LGBT: O Círculo de Cultura na construção de saberes de profissionais da Atenção Básica

Arthur Fernandes Sampaio

(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – arthursampaio@hotmail.com)

Resumo: O direito à saúde integral a pessoas LGBTs é uma conquista garantida e reafirmada pelo SUS desde 2013. Um de seus objetivos é promover o respeito nos serviços de saúde por entender as questões de vulnerabilidade, discriminação e exclusão como influenciadores do processo saúde/doença dessa população. Este trabalho trata-se de um relato de experiência de um Círculo de Cultura (CC) realizado com uma equipe de uma UBS da cidade de Mossoró/RN sobre as temáticas que permeiam as vivências da população LGBT e suas influências na saúde desses. O CC foi sistematizado por Paulo Freire propondo uma abordagem pedagógica de caráter democrático e libertador e podemos dividi-lo em 3 grandes momentos: Investigação do universo vocabular; Tematização e Problematização. A equipe que participou desse momento era composta por residentes multiprofissionais e agentes comunitárias de saúde. Foram realizados os momentos citados, sendo gerados dois grandes temas, os quais se pautaram as problematizações: Respeito e Humanização. Como produção física das trocas de saberes, o grupo produziu uma “Árvore do Respeito”, com ramificações que demandam respeito no serviço; e um jogral, trazendo frases do que seria humanizar o serviço relacionado ao acolhimento de pessoas LGBTs. Pelo feedback das profissionais do serviço, bem como das trocas de saberes, foi possível observar uma maior sensibilização delas em relação as vivências de LGBTs e mais especificamente, das pessoas trans e travestis, mostrando não apenas a necessidade de que momentos como esse sejam provocados nas UBSs, como a importância da metodologia freiriana nesses processos de construções de saberes críticos.

Palavras chave: LGBT; Saúde; Profissionais de Saúde; Círculo de Cultura; Atenção Básica.

Introdução

Segundo Facchini (2003), podemos dividir o movimento de pessoas LGBTs¹ no Brasil em três grandes momentos de estruturação. Em um primeiro momento, não falamos em movimentação das 5 categorias da sigla juntas, mas das primeiras movimentações de pessoas homossexuais no Brasil que têm seu início, enquanto grupo de luta política, na segunda metade da década de 70. Este primeiro momento conclui-se na primeira metade da década de 80, o que coincide com o retorno da democracia e o surgimento da Aids, até então “peste gay”.

A segunda fase pouco foi estudada e abordada nas bibliografias e diz respeito ao final da década de 80, marcada pela institucionalização do movimento e início das parcerias com o governo,

¹ Sigla que se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

mas embora marcadas por essas parcerias, as movimentações ficaram um pouco ofuscadas pela pandemia da Aids (SIMÕES, FACCHINNI, 2009).

Para Simões e Facchini (2009), o terceiro momento inicia-se em meados da década de 90, havendo um reflorescimento das militâncias homossexuais. É também nesse período o qual se caracteriza por travestis, transexuais e mulheres homossexuais tomarem mais força dentro do movimento. A letra “T” incorporou-se à sigla e ao movimento em 1995 significando apenas “travestis”, sendo a entrada formal da categoria “transexual” mais tardia, por volta de meados dos anos 2000 (CARVALHO e CARRARA, 2013).

Assim, o movimento deixa de ser homossexual masculino e passa a ser o movimento GLBT. Mais tarde, em 2008, na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais no intuito de dar visibilidade às mulheres homossexuais dentro do movimento, chegamos à sigla que temos atualmente: LGBT, abarcando outras categorias que também reivindicam para si espaços políticos de luta por direitos, agora, não apenas da ordem de orientações sexuais, mas também de identidades de gênero.

As articulações de pessoas LGBTs dão-se através de pautas que versam basicamente sobre direitos humanos, direitos básicos que devem ser garantidos a todo e qualquer indivíduo, como saúde, educação e trabalho (SOUZA, 2017). No que diz respeito ao campo da saúde, foi através da Portaria nº 2836 de 2011 do Ministério da Saúde que vemos a inauguração de uma política específica voltada para pessoas LGBTs.

A conquista de representação no Conselho Nacional de Saúde (CNS), pelo segmento LGBT, em 2006, confere um novo sentido de atuação do movimento nos processos de participação democrática no Sistema Único de Saúde (SUS), assim como permite e promove o debate de forma estratégica e permanente sobre a orientação sexual e a identidade de gênero e suas repercussões na saúde. Desde a 12ª Conferência Nacional de Saúde (BRASIL, 2004), realizada em 2003, o tema dos direitos LGBT vinha sendo pautado pelo SUS e, em 2007, na 13ª Conferência Nacional de Saúde (BRASIL, 2008), a orientação sexual e a identidade de gênero são incluídas na análise da determinação social da saúde. Assim, nasce a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, por entender a saúde no sentido mais amplo e os efeitos da discriminação e da exclusão no processo saúde/doença dessa população (BRASIL, 2013).

Destacamos alguns objetivos dessa política: 1) atuar na eliminação do preconceito e da discriminação da população LGBT nos serviços de saúde; 2) promover o respeito à população LGBT em todos os serviços do SUS; 3) incluir o tema do enfrentamento às discriminações de

gênero, orientação sexual, raça, cor e território nos processos de educação permanente dos gestores, trabalhadores da saúde e integrantes dos Conselhos de Saúde. Foi pensando nesses objetivos, e principalmente nesse último citado que traz a importância da Educação Permanente dos trabalhadores da saúde, que a prática realizada e descrita neste artigo ganhou vida.

Segundo Ceccim e Ferla (2009), a Educação Permanente em Saúde é uma prática de ensino-aprendizagem e política de educação em saúde que se assemelha muito à educação popular em saúde, no entanto enquanto a educação popular tem em vista a cidadania, a educação permanente tem em vista o trabalho. É o ensino-aprendizagem voltado a respostas para perguntas que pertencem ao universo de experiências e vivências de quem aprende.

Este artigo visa trazer o relato de experiência de uma prática de Educação Permanente, realizada no município de Mossoró/RN, junto às profissionais de saúde de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) da cidade. Para tanto, foi utilizada como metodologia para abordar a temática de saúde da população LGBT com essas profissionais o Círculo de Cultura.

Metodologia

Este trabalho começa muito antes da própria realização da prática que aqui será descrita. Houve, em um primeiro momento, a identificação de demanda para essa temática (Saúde da população LGBT) ser abordada especificamente na UBS a qual foi realizada. A equipe de residentes da Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) que está lotada nessa unidade vivenciou situações de constrangimento e discriminação, por parte de profissionais de saúde, direcionadas a uma travesti que buscou o serviço nesta UBS. Perceberam que a equipe de uma forma geral era pouca aberta ao acolhimento também de outras travestis que existiam na área (e também da população LGBT, como um todo) e resolveram me convidar para facilitar um espaço onde pudéssemos dialogar sobre saúde a essa população, em um momento de Educação Permanente.

Pensando na lógica da Educação Permanente em Saúde citada acima, escolhi como método de construção de conhecimento os Círculos de Cultura, metodologia sistematizada por Paulo Freire, que traz uma proposta pedagógica de caráter radicalmente democrático e libertador. Uma posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto, promovendo a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade (DANTAS; LINHARES, 2014).

Para Paulo Freire (1967), o ponto de partida para o trabalho com esta metodologia está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo, mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social.

Assim sendo, didaticamente, segundo Dalmolin et. al (2016) e Dantas e Linhares (2014), podemos estruturar os círculos de cultura em 3 grandes momentos: 1) Investigação do universo vocabular: neste primeiro momento, trata-se de uma interação inicial com o grupo, um estudo da realidade. 2) Tematização: é neste momento que surgem as palavras geradoras, a partir da codificação e decodificação, contextualizando para a realidade vivida dos sujeitos participantes na perspectiva de intervir criticamente sobre ela. 3) Problematização: nesse terceiro momento, é onde se dará a percepção e análise sobre os conteúdos advindos da tematização e representa um momento decisivo na metodologia.

Dessa forma, na realização deste Círculo de Cultura, construímos juntos todos esses momentos introduzidos por uma técnica de apresentação chamada “Meu nome em ação” (Carthy e Galvão, 2001), no intuito de quebrar resistências da equipe para comigo e deixa-las mais abertas a possibilidades e discussões.

Resultados e Discussão

As profissionais que participaram deste momento foram ao todo 11 pessoas: 5 agentes comunitárias de saúde (ACS), 1 técnica de enfermagem e 5 residentes, entre elas, 1 dentista, 1 assistente social, 1 nutricionista, 1 enfermeira e 1 fisioterapeuta.

No primeiro momento, de Investigação do Universo Vocabular, pude entender de que lugar aquelas pessoas falavam, suas crenças e o que entendiam a respeito da população LGBT. Alguns conhecimentos muito basilares a respeito dessa população não lhes eram familiares, como o que significava a sigla. Foi nesse primeiro momento também onde houve bastantes discussões a respeito da situação que ocorrera na UBS com a travesti que buscou o serviço, e ainda nele onde já se começaram as problematizações a respeito do gênero e sexualidade na sociedade, dos termos mais coerentes no tratamento a pessoas travestis, sobre igualdade e equidade² em saúde (no que dizia respeito a essa população), sobre o porquê da existência da Política em Saúde para população LGBT e também sobre discussão a respeito da “cura gay”.

² Igualdade diz sobre a distribuição homogênea, a cada pessoa uma mesma quantidade de bens ou serviços. Equidade, por sua vez, leva em consideração que as pessoas são diferentes e têm necessidades diversas (ESCOREL, 2009).

Como em Dantas e Linhares (2014), a estrutura do Círculo de Cultura se divide nos três momentos acima citados para fins didáticos, no entanto, sua prática sugere que essa estrutura não deve nem necessita estar engessada. Conforme é possível observar neste relato, seus momentos vão se construindo, ora se fundindo, ora mantendo-se divididos na estrutura didática. Porém, todos eles conseguem ser contemplados.

Deste primeiro momento, foi sugerido às profissionais participantes que pensassem em uma palavra a partir dos diálogos e discussões que ocorreram. Assim, as seguintes palavras geradoras surgiram da Investigação do universo vocabular:

Palavras geradoras	
Respeito	Compreensão
Empatia	Equidade
Tolerância	Convívio
Prática	Humanização
Aprendizagem	Atenção
Acolhimento	

Tabela 1: Palavras Geradoras

A partir do reconhecimento das palavras geradoras surgidas no primeiro momento do círculo, pudemos pensar juntos o segundo momento: a Tematização. Nesse, foi sugeridos às participantes que construíssemos juntos duas palavras que surgissem como dois grandes temas que pudessem abarcar todas as palavras geradoras. Dessa forma, foram gerados os seguintes temas:

Tematização	
Respeito	Humanização ³

Tabela 2: Tematização

No intuito de trazer para o campo material os temas das discussões, foi sugerido que as participantes se dividissem em dois grupos, um para cada tema, e criassem uma expressão artística a critério delas (música, dança, teatro, literatura...) a respeito da temática alinhada com o tema central do círculo: A saúde da população LGBT. Desta maneira surgiram as duas expressões: A árvore do Respeito (Figura 1) e o Jogral da Humanização (Figura 2).

A partir desse momento, pudemos adentrar no terceiro e último momento do nosso Círculo de Cultura: a Problematização. Muito embora algumas problematizações já haviam sido feitas no

³ No campo da saúde 'humanização' diz respeito à transformação dos modelos de atenção e de gestão nos serviços e sistemas de saúde, indicando a necessária construção de novas relações entre usuários e trabalhadores e destes entre si (PEREIRA e BARROS, 2009).

primeiro momento do círculo, ainda algumas discussões foram levantadas movidas justamente pela concretude de suas expressões artísticas. Aqui, trouxeram problematizações a respeito da importância da percepção do olhar para o outro quando se trata de pensar saúde para pessoas LGBTQTs, ou seja, entendendo a discriminação como um fator atrelado no processo de adoecimento dessa população. O respeito também foi o grande norteador desse momento de problematização na medida em que pôde se perceber a urgência de práticas em saúde ou posturas profissionais direcionadas ao respeito às identidades de gênero e às sexualidades.

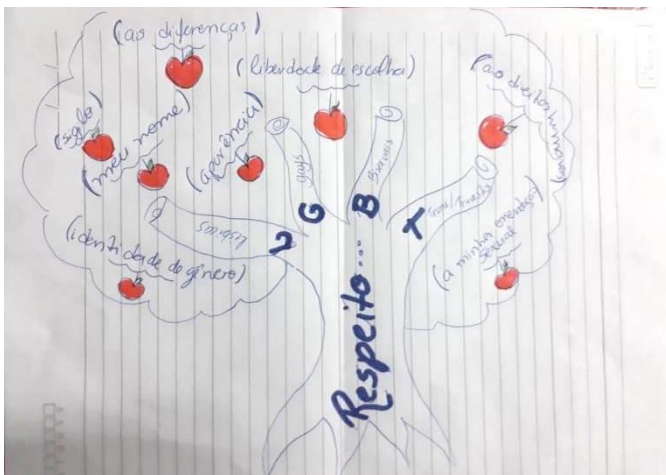


Figura 1: A árvore do respeito

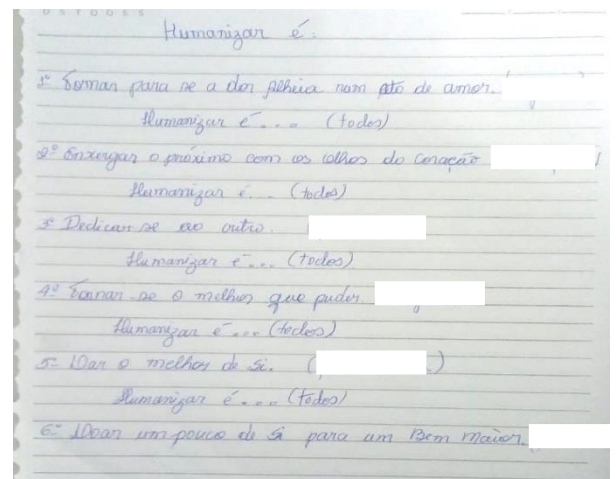


Figura 2: Jogral da Humanização⁴

O momento do Círculo de Cultura parece ter sido muito bem recebido pelas profissionais, já que deram um feedback muito positivo a respeito da prática, dos aprendizados logo após seu encerramento. Da urgência surgida de se colocar em prática os saberes adquiridos nesse momento de Educação Permanente, a equipe decidiu ampliar suas expressões artísticas para expor na UBS a qual trabalham, tornando um ambiente mais acolhedor para pessoas LGBTQTs. Assim sendo, resolveram ampliar o que intitularam como Árvore do Respeito (Figura 3), tendo seus frutos, palavras que enfatizavam a necessidade do respeito. Em relação ao Jogral da Humanização (Figura 4), decidiram expor nas paredes da UBS, as frases criadas alinhadas a figuras para despertar mais a atenção dos usuários e dos outros profissionais do serviço sobre a importância do olhar e da prática mais humanizada com a população LGBTQT.

Em relatos informais de uma das participantes presentes nesse Círculo de Cultura, foi-me colocado que a prática despertou bastante movimento na UBS a respeito das pessoas LGBTQT. Como manifestações não favoráveis por parte de profissionais que não estavam no Círculo a respeito da

⁴ No intuito de manter o sigilo dos nomes das profissionais envolvidas em tal momento, colocou-se essa tarja branca nos nomes que estão expostos.

intervenção que realizaram, e manifestações favoráveis por participantes do círculo. Essas profissionais que se posicionaram em defesa da intervenção, inclusive, antes se manifestavam contrárias a qualquer abordagem diferenciada ao público LGBT.



Figura 3: Árvore do Respeito Ampliada



Figura 4: Jogral da Humanização Ampliado

Além das intervenções realizadas na estrutura da UBS sugerindo um ambiente mais acolhedor para a população LGBT, foi-me relatado também que conseguiram realizar um dia de atendimento multiprofissional às travestis do território, ficando outros atendimentos já agendados para acompanhamento.

Conclusões

O que podemos observar a partir dessa experiência é que o Círculo de Cultura parece ter cumprido sua proposta, na medida em que as práticas geradas pós sua realização parecem se manifestar no sentido de uma tomada de consciência a respeito da temática levada. Para Paulo Freire (1983), a tomada de consciência resulta da defrontação com a realidade própria. Se essa passa a superar a mera compreensão de um fato e o coloca de forma crítica dentro de uma totalidade é que, aprofundando-se, torna-se a conscientização.

O feedback positivo por parte da equipe e as próprias ações realizadas posteriores sugerem que o Círculo de Cultura pôde gerar um processo efetivo de conscientização da equipe a respeito da saúde da população LGBT.

Desta forma, é possível perceber a importância e efetividade do Círculo de Cultura nos processos de Educação Permanente em Saúde, já que essas focam nos processos de aprendizagem voltados às realidades dos sujeitos, independente da área que se atue. Este relato consegue reafirmar a metodologia freiriana, como um método possível e viável nos processos de conscientização aos

quais tanto se busca trabalhar com os profissionais de saúde a respeito do lidar com o diferente, já que se trata de uma metodologia que atua na perspectiva de fomentar pensamento crítico e sensível e mudanças nas práticas voltadas ao rompimento das opressões.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 12ª Conferência Nacional de Saúde: conferência Sergio Arouca: relatório final. Brasília, 2004.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 13ª Conferência Nacional de Saúde: relatório final. Brasília, 2008.

_____. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CARTHY, J; GALVÃO, K. *Artpad: Um recurso para teatro, participação e desenvolvimento*, 2001.

CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direção a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad* - UERJ. n. 14, p. 319-351, ago., 2013

CECCIM, R. B; FERLA, A. A. Educação Permanente em Saúde. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/edupersau.html>>. Acesso em: 18 de jun. 2018.

DANTAS, V. L; LINHARES, A. M. B. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular, p. 73-76. In: *II Caderno de Educação Popular em Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DALMOLIN, I.S; FARIA, L.M; PERÃO, O.F, et al.. Dialogando com Freire no círculo de cultura: uma estratégia de promoção da saúde. (2016). *Revista Enfermagem UFPE*. Recife, p. 185-190, jan. 2016.

ESCOREL, S. Equidade em Saúde. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/equsau.html>>. Acesso em: 18 de jun. 2018.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL* - Unicamp, Campinas, v.10, n.18/19, 2003

PEREIRA, E.H.P.; BARROS, R.D.B. Humanização. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/hum.html>>. Acesso em: 18 de jun. 2018.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* (Traducción de Rosisca Darcu de Oliveira). 7ª ed. (1ª edición:1969). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SIMÕES, J.A.; FACCHINI, R. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, I. O que são Direitos Humanos?, 2017. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/direitos-humanos-o-que-sao/>>. Acesso em: 21.01.2018.

Arthur Fernandes Sampaio

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (arthurfsampaio@hotmail.com)